

RESENHA

Em 15 anos, 1765  
livros sobre índios

*Hartmann, Thekla*

Bibliografia crítica da  
etnologia brasileira

*Volume III. Berlim*

*Dietrich Verlag, 1984*

Os índios estão também naquela outra selva, a selva de papel que são os escritos que tratam de índios. De fato, o que se vem escrevendo sobre os índios é tanto em quantidade e tão diverso em qualidade que resulta num verdadeiro emaranhado onde não é fácil se orientar.

Na introdução do primeiro volume da *Bibliografia crítica da etnologia brasileira* (São Paulo 1954), seu autor, Herbert Baldus, colocava seu trabalho nestes termos: "Publico a presente obra a fim de evitar que meus colegas e alunos gastem tempo, dinheiro e esforço intelectual repetindo o que já fiz, isto é, lidando anos e anos em bibliotecas e estragando a vista com a leitura de inúmeros livros dos quais muitos não contêm nada digno de nota. Naturalmente, quero também contribuir para esclarecer velhas dúvidas e criar novas, bem como breçar os "descobridores" de tribos desconhecidas por eles, mas muito conhecidas na literatura" (p. 22).

Em 1968 aparecia um segundo volume com a mesma filosofia e a mesma estrutura, trazendo e comentando os novos títulos de etnologia brasileira que tinham aparecido entre 1953 e 1967.

Mas a bibliografia crítica da etnologia brasileira é "um trabalho que nunca acaba", como já previa o mesmo Baldus.

A professora Thekla Hartmann, do Museu Paulista, retomou a empreitada e preparou este terceiro volume, que acaba de aparecer editado na Alemanha. Neste volume, a forma e o título foram mantidos, pois pretende ser uma continuação do inventário das publicações sobre o índio no Brasil, embora a seleção das obras e o teor crítico vão mostrar um talento bastante diferente.

Um primeiro fato a ser notado é o volume considerável da produção etnológica dos últimos anos: "Herbert Baldus comentou criticamente 2.834 obras surgidas ao longo de quase 500 anos; o terceiro volume descreve o conteúdo de 1.765 trabalhos publicados entre 1967 e 1982. Expressão da vitalidade de uma ciência de que já foi profetizado o fim iminente ou a absorção por outros ramos do saber... Assim, a literatura indigenista tem crescido vertiginosamente junto com o movimento de conscientização dos direitos das minorias" (p. 18).

A nítida disposição tipográfica dos títulos no texto e os vários índices — de assuntos, geográfico, de tribos, de autores, incluindo tradutores, comenta-

dores e fotografias — permitem realizar um rápido sobrevôo, em penteado, sobre essa tão vasta área bibliográfica e detectar vários fenômenos interessantes. Por exemplo, as tribos que suscitaram maior número de títulos são os Bororo, os Akwé-Xavante, os Guarani, os Kaingang, Nambikwara, os Tikuna, os Tukano, os Yanomami e os Xinguanos como grupos de uma região.

Dá para perceber também que os índios, aos poucos, levam o pesquisador que assume seriamente sua tarefa, a metodologias e focalização de assuntos que derivam mais do próprio modo de ser indígena e da sua situação atual do que das opções prévias do cientista. O melhor da nova etnologia traz geralmente a impronta da convivência, da convívência e do compromisso com as lutas indígenas atuais. De fato, junto aos temas mais tipicamente antropológicos, vão aumentando os trabalhos que tratam do índio como objeto e sujeito de história, uma história marcada por uma situação geral de neocolonialismo.

Essa bibliografia é, antes de tudo, um instrumento e como tal deve ser olhada e usada. Além das indicações bibliográficas exatas que permitem a localização de um título, a literatura existente sobre uma tribo ou os estudos que se referem a um determinado assunto etnológico, a presente bibliografia orienta a busca em termos críticos. Neste sentido, porém, os comentários da professora Thekla Hartmann são menos "quentes de vida e paixão" que aqueles de Baldus, às vezes excessivamente cáusticos e agressivos. A autora se mantém mais dentro dos limites da informação e da descrição dos conteúdos, ganhando assim em objetividade e sem prejudicar a leitura que cada um deverá fazer por própria conta.

É para terminar, uma observação que pode interessar ao leitor do PORANTIM. Embora não apareçam identificados como tais — também não havia por que fazê-lo — são citados nesta bibliografia numerosos trabalhos de missionários, muitos deles atuantes ainda no campo indígena. A lista é menos completa do que aquela preparada pelo Pe. Adalberto Holanda Pereira, que recolhe especificamente as publicações de missionários da Igreja Católica, mas oferece uma boa amostra da contribuição da Igreja à etnologia brasileira em continuidade com uma tradição que vem de muito longe, e que, graças a Deus, ainda está viva.